

APRESENTAÇÃO

Poéticas do Coração

O ensaio “O coração-espaço: aspectos do lirismo em *As flores do mal*”, de Michel Collot – que neste número da *eLyra* aparece pela primeira vez em português – propõe uma abordagem da poesia de Charles Baudelaire que vai ao encontro de produtiva tendência crítica contemporânea. Esta se constitui como releitura da tradição moderna que vai apontar dicções e contradições várias, desestabilizando, assim, a visão idealizada e totalizante de constructos estético-históricos como os de “romantismo”, “modernismo”, “vanguarda”, “pós-modernismo”, entre outros. Tal releitura vem mobilizando, também, como faz o crítico francês, novas reflexões sobre as relações entre poesia e lirismo, capazes de libertar a ambos de definições unívocas de gênero e forma.

Durante muito tempo, emblematizando essas relações, a palavra “coração” foi tida como signo de uma subjetividade intrínseca, cheia de si e plenamente expressa na linguagem do poema. Essa linguagem teria no uso da repetição fônica, semântica e sintática, do ritmo regularmente medido e da metafóricidade, a garantia de um movimento de presentificação da memória do poeta e de identificação com o presente de seu interlocutor-leitor. Já Michel Collot, ao contrário, vai identificar no lirismo baudelaireano, em textos posteriores ao aqui traduzido, a encenação de uma subjetividade *fora de si* (Collot 2018), ou *êxtima*, para usarmos aqui um instigante conceito extraído da reflexão de Jacques Lacan (2005).

Embora sob outra perspectiva, também Jacques Rancière (1995), no ensaio “Transportes da liberdade”, por exemplo, vai mais longe historicamente e recupera a concepção clássica de lirismo, que lhe atribuía uma condição in-significante, inofensiva, não-representativa, por isso infensa seja à produtividade seja aos perigos da mimese. Segundo Rancière, justo por não se constituir como representação, a poesia moderna vai investir nele e no eu poético como lugar vazio, aberto à indeterminação e à plurideterminação, atribuindo-lhe a potência de um discurso livre de toda submissão estética e política. Para o filósofo, a metáfora recupera, então, seu sentido original de transporte, funcionando no poema não como construto de semelhanças, mas modo de acompanhamento através do qual a subjetividade é performada ao longo do gesto de acompanhamento da escrita, num deslocamento que se constitui em uma experiência sensível do político e, ao mesmo tempo, numa experiência política do sensível.

Tal perspectiva pode ser com certeza associada àquela que vê na poesia lírica, desde Safo, também a performance de um gesto que tensiona subjetivação, extimidade e endereçamento, como considera a crítica francesa Joelle de Sermet (1996). Na poesia brasileira, esse tensionamento foi apontado por Silviano Santiago (1989) em sua leitura seminal da relação entre subjetividade, encenação da sinceridade e escrita epistolar, e na poesia de Ana Cristina César (1952-1983), que continua a ressoar fortemente em nossa contemporaneidade.

O poeta e crítico Marcos Siscar (2016), ele também um leitor arguto das tensões intrínsecas à subjetivação na poesia desde Baudelaire e sua famosa dedicatória a um leitor ao mesmo tempo irmão, semelhante e hipócrita, retoma por essa via a poesia de Ana Cristina César. Sua reflexão sobre o “drama da destinação” – como nomeia o laço contraditório do endereçamento que aproxima e distancia escrita e leitura - remete às relações entre poesia e coração tal como abordadas por Jacques Derrida e bem sintetizadas em sua já famosa entrevista “Che cos’è la poesia?” (1992/2001). Nela o filósofo nos convida a repensar inclusive o vínculo etimológico entre o latim *cor-cordis* e a expressão vernácula “de cor” e com ele o vínculo constitutivo entre subjetividade e memória, classicamente estabelecido por Emil Staiger como próprio do gênero lírico. Dirigindo-se a um sujeito autor/leitor tornado anônimo em seu discurso, Derrida convida a compreender a experiência do poema como a de uma transformação do coração em ouriço, “para lá das oposições, do interior e do exterior, da representação consciente e do arquivo abandonado. Um coração rasteiro, entre os atalhos ou as auto-estradas, livre da tua presença, humilde, próximo da terra, bem baixo” (2001: 8).

Marcos Siscar desenvolve de modo arguto e provocante essa reflexão no ensaio “O coração transtornado” (2005). Desdobrando-a para além do poético e do estético, o crítico vai enfatizar o movimento pelo qual, enquanto parte do corpo, o coração se aproxima do cérebro e se revela corpo do pensamento. Sua condição interior, em sua visceralidade, revela-se paradoxalmente pulsante e pensante força de exteriorização, de abertura à outridade que, desde sempre desconhecida, transtornante, também o habita. O alcance político dessa reflexão fica claro pela forma como, assim tornado dramático, agônico, o discurso do coração pode ser contraposto ao espetáculo da intimidade “totalmente exposta” que ocupa grande espaço da cultura contemporânea. Ao desmistificar a crença na sinceridade, na identidade a si, esse discurso afronta e desestabiliza ainda a ideologia da cordialidade que tem sustentado diferentes modos de construir identidades também coletivas, pautadas pela sublimação da diferença e do conflito.

Esperamos que os textos aqui reunidos, através das leituras propostas, apontem caminhos que contribuam para a reavaliação da *e-moção* poética e lírica como experiência de partilha estética e política. Eles têm caráter bem diverso, como é o caso, desde logo, da tradução de texto de Michel Collet, “O coração-espaco: aspectos do lirismo em ‘As flores do mal’”, ao qual já nos referimos de início. A ela vem se somar a interessante entrevista da poeta portuguesa Margarida Vale de Gato, que da lembrança de versos seus

- “O meu bilhete, espeto-o / com delicado verbo ao coração. Rebenta, murcho músculo entupido -- / mil vezes fosse a vida a exceção”, declara “Sim, diria despididamente que a minha poesia é lírica. [...]. O subjetivo que persigo na lírica, portanto, é também o que procura transcender o eu e votar-se ao relacional, senão ao universal.”

Na parte denominada “Arquivos do coração”, reunimos dois textos que focalizam a imagem do coração, priorizando a apresentação comentada de poemas. Patrícia Lavelle, no que ela mesma nomeia como “Percurso ensaístico com poemas”, antecipa alguns dos reunidos em seu próximo livro, *Sombras longas*, a sair neste ano pela editora brasileira Relicário. E neles vai indicar a relação entre coração, ritmo, escuta de uma voz que, despossuída de identidade e plenitude, associa seu lirismo ao topos do naufrágio, fundamental para a poesia moderna.

Já Leonardo Gandolfi também nos traz, sob outro ponto de vista, a questão da voz despossuída, através da divulgação do poeta timorense Jorge Lauten, ao mesmo tempo presente em antologias e ausente de qualquer referencialidade biográfica concreta. Talvez morto durante as terríveis guerras desencadeadas pela Indonésia no Timor, Leste, Lauten se torna, segundo Gandolfi, signo de um eu que é um outro, como queria Rimbaud, mas, para além disso, um eu que se identifica com qualquer desconhecido que pergunte por sua identidade e sua vida desaparecidas.

Os artigos reunidos no dossiê dedicam-se de diferentes modos a discutir a relação entre poesia e subjetividade, combinando a leitura de determinados poetas e procedimentos com propostas de revisão teórica e historiográfica. Paloma Roriz parte de um poema de Ruy Belo para discutir a noção de infância, tal como vem sendo revisitada pela psicanálise e pela filosofia, das quais retira apontamentos para uma reflexão sobre a emoção lírica. De modo semelhante, Nathaly Filipe Ferreira Alves aborda poesia de Orides Fontela para estabelecer o conceito de “lirismo objetivo”, propondo, assim, sobre o sujeito fora de si tematizado por Collot, a relação entre emoção, materialidade e pensatividade.

Essa relação sustenta também a recuperação feita por Alberto Pucheu de uma conversa entre João Cabral de Melo Neto e Vinícius de Moraes, centrada na dicotomia entre o coração e o cérebro. O ensaísta indica a importância dessa dicotomia para a história da poesia brasileira dos séculos XX e XXI, ao refletir sobre o caráter caricatural da anedota e dos desdobramentos orais e escritos que até hoje a atualizam.

Márcia Manir Feitosa e Danielle Castro da Silva mobilizam o olhar fenomenológico sobre a noção de paisagem, tão caro também a Michel Collot, para analisar as metáforas vivas com que ela é figurada na poesia de Ferreira Gullar. Ao discutir a subjetividade da experiência poética através da relação entre mesmidade e ipseidade proposta por Paul Ricoeur, abordam o uso da metáfora como procedimento de ampliação dos sentidos e reconfiguração do tempo humano. Este é também tematizado por Zeno Queiroz, que tem como ponto de partida a reflexão de Pedro Serra sobre os modelos de subitaneidade na modernidade. Essa perspectiva orienta uma leitura comparada das poéticas de Manuel

Bandeira e Paulo Henriques Britto, esta focalizada tanto em suas características formais gerais quanto em sua historicidade.

Paulo Brás focaliza a *poética dos sentidos* na obra de Antônio Franco Alexandre, para enfatizar o modo como a relação entre subjetividade e alteridade se configura através do endereçamento a um tu interlocutor e leitor, remetendo sua leitura às discussões geracionais em torno do “regresso ao real”, propostas por Joaquim Manuel Magalhães.

Filipe Manzoni aborda a analogia como procedimento de construção da memória – fundamental tanto à definição tradicional de gênero lírico quanto à poesia contemporânea de Marcelo Montenegro – para visitá-la por meio de dois caminhos de reflexão: sob uma perspectiva epistemológica fornecida pela psicanálise e a partir da análise das tecnologias de sua inscrição.

Temos, assim, horizontes diversos de trabalho para pensar, na contemporaneidade, as poéticas do coração.

Celia Pedrosa
Ida Alves

Bibliografia

- Collot, Michel (2007), “Le cœur-espace: aspects du lyrisme dans Les fleurs du mal”, *Revista Alea*, Departamento de Línguas Neo-latinas, UFRJ, Rio de Janeiro, v. 9, n. 1, 13-33.
- (2018), *A matéria-emoção*, tradução Patrícia Sousa Silva, Rio de Janeiro, Oficina Raquel.
- Derrida, Jacques (2001), *Che cos'è la poesia* (1992), tradução de Tatiana Rios e Marcos Siscar, *Revista Inimigo Rumor*, n. 10, 113-116.
- Lacan, Jacques (2005), *O seminário*. Livro 10 – A angústia, tradução de Vera Ribeiro, Rio de Janeiro, Zahar.
- Rancière, Jacques (1995), “Transportes da liberdade”, In: _____. *Políticas da escrita*, tradução de Raquel Ramalheite.
- Santiago, Silviano (1989), “Singular e anônimo”. In: *Nas malhas da letra*. São Paulo: Cia. das Letras.
- Sermet, Joelle de (1996), “L'adresse lyrique”. In: Dominique Combe (ed.), *Figures du sujet lyrique*, Paris, Presses Universitaires de France.
- Siscar, Marcos (2016), “Ana C. aos pés da letra”, In: *De volta ao fim*. O “fim das vanguardas” como questão da poesia contemporânea, Rio de Janeiro, 7 Letras.
- (2005), “O coração transtornado” in: Nascimento, Evando (org.), *Jacques Derrida: pensar a desconstrução*, São Paulo, Estação Liberdade.